



O DESENHO DA EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ

Jamile Lima dos Santos (PIC UEM), Mayara Henriques Coimbra (PIC UEM),
Gislaine Elizete Beloto (Orientador) e-mail: gebeloto@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia /Maringá, PR.
Ciências Sociais Aplicadas - Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: forma urbana, escala territorial, modelo conceitual (urbanismo)

Resumo:

A partir do entendimento de que a mancha urbana de Maringá corresponde a um ente único, de que, além desta cidade, é composto também pelas cidades de Sarandi e Paiçandu, este trabalho busca entender a expansão urbana através do delineamento de sua forma ao longo de uma linha temporal que se inicia com a implantação das respectivas cidades até o ano de 2015. As variáveis que norteiam este estudo são a forma compacta e a forma fragmentada desta mancha sob a hipótese de que há mudanças cíclicas da forma urbana transcrita por tais variáveis e que segue um ritmo decenal e, em grande parte, resultante do caráter imobiliário especulativo. Entretanto, a pesquisa chega à conclusão de que não houve uma mudança cíclica ao longo de todo o período estudado e que a forma da mancha urbana, que originalmente é compacta, vai se fragmentando cada vez mais com o passar das décadas até os anos 2000, quando ocorre a movimento de ocupação do interior da mancha urbana. Com isso, possivelmente, há o indício de início de um novo ciclo ou novo modelo de expansão urbana.

Introdução

A tendência de crescimento de uma cidade está vinculada, entre outras, ao seu poder de atração em relação às demais cidades que orbitam em seu entorno. A expansão do conjunto, ou seja, do centro em direção às bordas e das cidades do entorno em direção à cidade central, provoca muitas vezes a formação de uma única mancha urbana, como é o caso do conjunto de cidades compreendida por Paiçandu, Maringá e Sarandi.





Ao mesmo tempo em que pode estar havendo o entrelaçamento das malhas urbanas em uma porção da mancha urbana, a mesma como um todo pode estar num processo de fragmentação de sua forma. De onde se presume que há um movimento, de tempos em tempos, que se volta para o interior da mancha urbana, preenchendo-a.

A hipótese, portanto, desta pesquisa, é que há uma mudança cíclica da forma urbana de Maringá transcrita ora pela forma compacta ora pela forma fragmentada e que, esta mudança, segue um ritmo constante e aproximado de uma década. Orientado por essa hipótese, o trabalho objetiva entender a expansão urbana de Maringá, através do delineamento de sua forma ao longo de uma linha temporal, que se inicia com os assentamentos das três cidades na década de 1940, finalizando no ano de 2015.

Materiais e métodos

A parte fundamental desta pesquisa é a elaboração da série histórica decenal, sobre a qual as análises da forma da mancha urbana de Maringá realizar-se-iam. Os desenhos foram compostos pelos (1) parcelamento do solo, sendo considerada a data de aprovação junto ao órgão público competente e não a sua plena ocupação; (2) ocupação do solo com características urbanas, incluindo as chácaras de uso não agrícola, os remembramentos de grandes lotes, ou ainda condomínios de chácaras fora dos perímetros urbanos; (3) uso do solo urbano específico, tal como grandes indústrias ou grandes áreas de comércio e serviço setorial ou ainda áreas institucionais como aeroportos.

Para tanto, realizou-se pesquisa documental junto às prefeituras dos municípios de Maringá, Sarandi e Paiçandu com o levantamento das áreas, localizações e datas de aprovação dos loteamentos. Devido a informações incompletas, os dados referentes à Sarandi foram compatibilizados com os publicados na tese *A recente produção imobiliária no aglomerado metropolitano Paiçandu-Maringá-Sarandi: novos arranjos, velha lógica* (2015) de autoria da arquiteta Beatriz Fleury e Silva. Com relação à marcação de usos específicos, como o industrial, por exemplo, foi utilizada a ferramenta *imagens históricas* do programa Google Earth.

Resultados e Discussão

Dentre os primeiros quinze anos de implantação das cidades de Maringá, Sarandi e Paiçandu (1945-1960), e considerando o processo de ocupação





do solo que estava em andamento, a forma correspondente a cada cidade era bastante compacta com limites claramente definidos. Ainda não correspondia a uma única mancha urbana, mas a três manchas distintas, porém articuladas por uma estrutura rodoferroviária.

Durante a década de 1960 (1961-1970) houve a manutenção da forma compacta de cada cidade; a permanência dos limites também manteve as manchas urbanas descontínuas. A maior mudança ocorrida nesse período veio com a implantação do bairro Jardim Alvorada e que ocorreu continuamente à mancha existente, se posicionando de forma radial e conformando o primeiro raio de expansão de Maringá no sentido norte.

A fragmentação da mancha urbana teve início na década seguinte (1971-1980) com a formação de uma área de borda fragmentada enquanto os núcleos urbanos originais se mantinham compactos e suas expansões imediatas ocorriam de modo contínuo a eles. Também foi nessa década que começou a se desenhar a conurbação Maringá-Sarandi e com ela o segundo raio de expansão urbana, desta vez no sentido leste, seguindo a linha de transporte rodoviário e moldando uma certa linearidade na forma urbana.

Na década de 1980 (1981-1990) a borda fragmentada se ampliou em pequenos e médios fragmentos orbitando entorno de Maringá, ao mesmo tempo em que permaneceu a expansão contínua da porção mais central da mancha urbana. A linearidade leste-oeste que se esboçava na década anterior foi acentuada com a formação do terceiro raio de expansão no sentido oeste.

Na década seguinte (1991-2000), foi executada uma série de parcelamentos do solo além dos perímetros urbanos que vigoravam naquele momento, dando indícios de um espalhamento da ocupação de caráter urbano pelo território. Eram os chamados “condomínios rurais”, os quais se concentravam, sobretudo, na porção norte de Maringá. Além deste movimento, uma dinâmica maior de ocupação tanto desta porção da cidade quanto da porção nordeste de mancha urbana fez com que houvesse o fechamento de grande parte daquela borda fragmentada formada na década anterior, transformando-a num tecido quase contínuo que reforça a conurbação Maringá-Sarandi. Desta feita, a forma linear da mancha vai dando lugar a outra, mais circular.

Diferentemente do movimento visto no período anterior, não houve acréscimos significativos à borda fragmentada durante a década de 2000 (2001-2010). Ao contrário, o movimento de ocupação se manteve no interior da mancha urbana, desta vez fechando a borda fragmentada formada na porção noroeste de Maringá e iniciando o mesmo movimento na porção sul



**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



da cidade. A redução da borda fragmentada conduz a uma forma urbana mais compacta, ao mesmo tempo em que a linearidade presente até a década de 1980 dá lugar a uma forma circular.

Por fim, os últimos cinco anos (2011-2015) se caracterizaram pelo fechamento da borda fragmentada com a ocupação da porção sul e expansão ao norte de Maringá. Com isto a linearidade da mancha se converteu, definitivamente, em uma forma circular com grandes fragmentos orbitando entorno da mancha urbana como um todo, e não mais pequenos fragmentos entorno da cidade de Maringá como se via até então.

Conclusões

Diante dos resultados apresentados, conclui-se que não houve mudanças cíclicas da forma urbana conforme preconiza a hipótese da pesquisa. Houve um movimento simultâneo de fragmentação de uma área de borda e de expansão contínua. Como resultado, atualmente a forma da mancha urbana tem se apresentado contínua e compacta com grandes fragmentos que orbitam na mancha como um todo, e não mais se concentram no entorno apenas da cidade Maringá. Isso nos conduz a indicar o início de um novo ciclo ou novo modelo de expansão urbana onde, cada vez mais, se evidenciará a dispersão da mancha urbana e a constituição de um território urbanizado devido ao esgotamento das áreas não ocupadas no interior da mancha urbana.

Referências

Corboz, A. El territorio como palimpsesto. Ramos, A. M. *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Barcelona: UPC, 2004. pp.25-34.

Meyer, R. M. P. O urbanismo: entre a cidade e o território. *Ciência e Cultura*. v.58, n.1. São Paulo, 2006. pp.38-41.

Silva, B. F. *A recente produção imobiliária no aglomerado metropolitano Paiçandu-Maringá-Sarandi: novos arranjos, velha lógica*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: USP, 2015.

